

PESQUISA AGROPECUÁRIA

Vinculada ao Ministério da Agricultura

CENTRO NACIONAL DE PESQUISA DE GADO DE LEITE - CNPGL

Rodovia MG 133, km 42

36155 - CORONEL PACHECO - MG

COMUNICADO TÉCNICO

Nº 11 - JULHO/1990, P.1-3

ESCOLHA DO REPRODUTOR.

José Henrique Bruschi*

A preocupação de todo produtor de leite deve ser o aumento de produtividade do seu rebanho. Para atingir esse objetivo, o caminho mais viável é investir em melhoramento genético e a opção mais econômica é a utilização de reprodutores capazes de transmitir alto potencial leiteiro às suas filhas.

Embora o fazendeiro saiba, de muito tempo, que o touro tem grande importância zootécnica no seu rebanho, prova disso é um antigo ditado que diz que na fazenda deve-se ter "vacas de tostão e touro de milhão", muitas vezes, no momento de comprar um reprodutor, ele não sabe quais parâmetros deva utilizar, para se orientar, na escolha do melhor animal.

Quando um produtor vai escolher um touro para seu rebanho leiteiro, ele precisa, basicamente, procurar um animal que tenha qualidades genéticas, que possibilitem aumentar a produção de leite, saúde e fertilidade, para proporcionar uma alta eficiência reprodutiva.

A melhor estimativa do valor genético de um touro, para a característica "produção de leite", é dada pelo desempenho (produção de leite) de suas filhas (Teste de Progenie). O resultado desse teste é expresso pelo DPL (Diferença Prevista para Leite, em kg) e a segurança da avaliação é determinada por R ou REP (Repetibilidade, em porcentagem). DPL é uma medida que estima a superioridade ou a inferioridade genética que um reprodutor transmite aos seus descendentes, ou seja, a quantidade de leite que o touro determina na produção de suas filhas. A REP é a medida do grau de precisão do DPL, isto é, a porcentagem de filhas do touro, cujas produções de leite devem estar de acordo com o DPL.

A escolha de um touro, pelo resultado de progenie, deve ser orientada, inicialmente, por características econômicas, ou seja, pelos valores do DPL e da REP, associados. A característica "tipo" deve ser observada num segundo plano. Como exemplo: comparando-se dois touros, um que tenha DPL de 1467 kg e 74% de REP, e outro que tenha DPL de 301 kg, com 99% de REP, pode-se afirmar que, embora a produção leiteira determinada pelo primeiro touro seja maior, a indicação do segundo é mais segura, ou, em outras palavras, todas as filhas do segundo devem ser superiores, enquanto apenas 74% das filhas do primeiro o serão.



Entretanto, como o teste de progênie é um processo bastante dispendioso, os touros provados melhoradores nessa avaliação são muito caros, o que torna impraticável seu uso

em monta natural. Sua utilização só se torna viável com o emprego da inseminação artificial. Por isso, todas as informações relacionadas ao teste de progênie são encontradas nos catálogos das Centrais de Inseminação Artificial (nos catálogos americanos, o DPL é denominado PTAMilk e expresso em libras). Na falta de informações do desempenho das filhas, a escolha do touro pode ser orientada pelo resultado do teste de progênie do pai do touro e, na ausência de ambas as informações, a produção leiteira da mãe é o melhor indicador. Se o método de reprodução empregado na propriedade é a inseminação artificial, o valor genético do touro é a única característica que orienta a escolha do animal. Se a utilização do reprodutor for através de monta natural, além do aspecto genético, a saúde e a fertilidade do animal também devem ser observadas.

A fertilidade do touro deve ser avaliada sob dois aspectos: sua habilidade em praticar a monta e a sua capacidade de produzir espermatozoides com poder fecundante. A habilidade sexual de um reprodutor é medida observando-se o comportamento do animal quando em contato com uma vaca em cio. Nessa situação, observa-se a atração sexual, os aprumos e o equilíbrio, bem como a exposição e as condições físicas do pênis.

Existem, ainda, certas características fenotípicas, muito relacionadas à função reprodutiva, que, na prática, podem auxiliar a avaliação da fertilidade de um touro. Ao exame físico da bolsa escrotal, percebe-se os testículos, que devem ser de tamanhos semelhantes, móveis e de consistência firme. Não são recomendáveis reprodutores que apresentem testículos muito pequenos ou de tamanhos muito desiguais. Os testículos muito pequenos podem significar hipoplasia gonadal (subdesenvolvimento dos mesmos) e os muito grandes podem ser portadores de orquite (inflamação dos testículos). Também são características indesejáveis os testículos flácidos, que podem significar degeneração testicular, uma alteração muito comum em touros holandeses, criados a campo, em condições climáticas pouco favoráveis, e os testículos duros ou aderidos à bolsa escrotal. A capacidade de um reprodutor produzir espermatozoides viáveis pode ser estimada através do espermograma. Quanto à saúde do touro, o animal escolhido deve ser isento de tuberculose, brucelose, campilobacteriose e tricomonose.

Vimos que, para se fazer a escolha de um touro, são necessários muitos testes e avaliações de difícil execução para um pequeno produtor. Uma alternativa mais simples para a solução do problema pode ser a compra de touros do vizinho. O produtor deve procurar, na sua região, uma fazenda com maior desenvolvimento técnico, onde haja maior produtividade e o rebanho tenha controles sanitário e zootécnico. Este rebanho pode ser o fornecedor de reprodutores para seus vizinhos que, conhecendo o rebanho e seu proprietário, teriam uma certa garantia do touro comprado. Ainda como sugestão, deve-se lembrar ao produtor que deseja comprar um touro que as melhores

CT/11, CNPGL, jul/90, p.3

oportunidades acontecem quando a necessidade do animal não é muito grande e que os preços melhores são conseguidos na compra de tourinhos ou bezerros que, em pouco tempo, estarão cobrindo as matrizes.

Mas a grande solução para o problema da escolha de touros é, sem dúvida, a utilização da inseminação artificial. Esta técnica, além de muitas outras vantagens, permite a utilização de touros provados melhoradores em testes de progênie, além de oferecer total segurança quanto à fertilidade e à saúde do reprodutor usado. Quanto ao preconceito de que a inseminação artificial eleva os custos operacionais da propriedade, não é verdadeiro. Para provar isso, pode-se fazer as contas do que se gasta para alimentar um touro numa propriedade durante um ano e comparar esse valor ao gasto com todos os materiais de consumo da IA (sêmen, nitrogênio líquido, luvas, pipetas, bainhas, etc.). O custo da manutenção de um touro é muito superior ao custo da manutenção da IA.

A inseminação artificial foi a ferramenta determinante do melhoramento genético dos rebanhos leiteiros mais especializados do mundo, e o Brasil não deve fugir à regra. Infelizmente, apesar dos esforços empregados, tanto pelos órgãos governamentais como por empresas particulares, a técnica ainda não está difundida entre os produtores brasileiros, mas devemos esperar que, num futuro muito próximo, em vez de orientar fazendeiros a escolher touros, estaremos ensinando os produtores o significado das informações resumidas num catálogo de touros e orientando a compra de sêmen de reprodutores que melhorem em 1000 ou 1500 kg a produção de leite das suas filhas.